

PIB cresce entre 1 e 1,7%

por Reginaldo Heller
do Rio

A Fundação Getúlio Vargas (FGV) divulgou ontem, oficialmente, sua estimativa preliminar para o crescimento da economia brasileira em 1982, e já antecipada por este jornal. Pela primeira vez em seus 38 anos de existência, foi registrada uma taxa de expansão do Produto Interno Bruto (PIB) — conjunto de bens e serviços produzidos na economia num determinado ano — variável entre 1,0 e 1,7%, (em cruzeiros correntes, Cr\$ 49,40132 trilhões ou US\$ 196 bilhões, à taxa de câmbio de 31 de dezembro do ano passado). Com a maior desvalorização, o PIB foi reduzido para pouco mais de US\$ 130 bilhões. Técnicos do Instituto Brasileiro de Economia explicaram na Carta do Ibre, editada no número da revista Conjuntura Econômica de fevereiro, que circula desde ontem, que a fixação de um balizamento máximo e mínimo para o crescimento do PIB decorreu da ausência de dados precisos sobre a indústria de transformação e os chamados outros serviços, somente disponíveis pela Fundação do Instituto Brasileiro de Geografia (FIBGE) em abril.

Desde o ano passado que a taxa de crescimento da indústria de transformação passou a ser calculada pela FIBGE, mediante uma

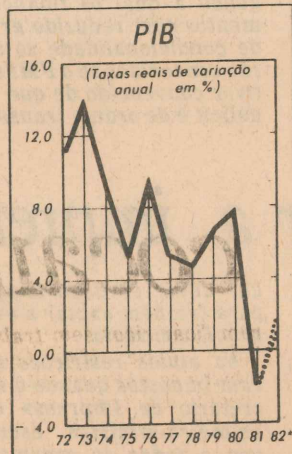
BRASIL	
(Variação do produto real em 1982)	
SETORES	%
Agricultura	-2,5
Indústria	0,5/2,0
Comércio	0
Transportes e comunicações	4,0
OUTRAS ATIVIDADES	3,1/3,5
Intern. financeiros	4,0
Governo	6,0
Aluguéis e outros	1,0/1,7
TOTAL GLOBAL	1,0/1,7

Fonte: FGV

amostragem baseada numa seleção de produtos escolhidos por sua maior significância no valor da produção, segundo pesquisa industrial anual realizada em 1978 e complementada pelos dados preliminares do Censo Industrial de 1980. São, ao todo, 6 mil empresas informantes. Para preencher esta lacuna, a FGV decidiu adotar um "fator de correção", escolhido, pela sua aproximação mais direta e abrangente, ou seja, a taxa de consumo de energia elétrica.

LIMITE

Assim, adotado este fator sobre o crescimento nulo que se constatou com base no antigo painel de indicadores mensais da indústria de transformação, a taxa de crescimento deste setor encontrou um limite máximo de 2,0%. Os mesmos critérios foram utilizados



Fonte: FGV e Centro de Informações do Gazeto Mercantil
* Estimativa

para a determinação da taxa de expansão dos aluguéis e outros serviços, resultando numa variação entre 1,0 e 1,7%, acompanhando, portanto, a média do PIB.

Em 1982, segundo a FGV, a agricultura registrou uma queda de produção real da ordem de 2,5%, consequência do impacto negativo das perdas nas safras de café, soja e trigo, além da menor produção de suínos. O comércio teve um crescimento nulo, influenciado pela agricultura e importação (taxa negativa de 14%), sem a devida compensação do setor secundário. Transportes e comunicações tiveram um crescimento conjunto de 4% positivos, fortemente

influenciado pela área de comunicações (superior a 19%), transporte aéreo (em torno de 8%) e rodoviário (2%). Crescimento negativo tiveram os setores de transporte ferroviário (-0,3%), marítimo (-11%), refletindo a retração no comércio exterior. O setor de intermediários financeiros, com crescimento de 4%, e o setor governo teve um crescimento invejável de 6%.

INDUSTRIA

O setor industrial como um todo somente não registrou um limite mínimo de crescimento nulo, como ocorreu com o subsetor da indústria de transformação, devido à evolução fortemente positiva da extração mineral e serviços industriais de utilidade pública, cujas taxas foram de 8,3 e 6,4%, respectivamente. E, finalmente, ao contrário do que se registrou em 1981, quando revelou uma taxa positiva de crescimento, a indústria de construção civil apresentou, agora em 1982, um desempenho ligeiramente negativo (-0,4%). Segundo a FGV, os dados definitivos do PIB somente serão definidos depois de conhecidos os resultados da FIBGE sobre a indústria de transformação. Mesmo assim, pode-se admitir que o PIB per capita tenha sofrido uma redução, dada a manutenção de uma taxa de expansão demográfica ainda superior a 2%.